

Apresentação

VÂNIA MARIA LOSADA MOREIRA

Editora

O PRESENTE DOSSIÊ DE *Dimensões*, Revista do Departamento de História da Ufes, procurou estimular a reflexão sobre questões relacionadas ao tema *Territórios, Espaços e Fronteiras* e obteve grande sucesso. Nada menos do que quatorze artigos compõem o dossiê, todos explorando aspectos significativos da temática em foco. Os textos são frutos de pesquisas originais e abordam diversas temporalidades. Apresentam também grande variedade de enfoques, alguns situando-se no campo econômico e social, outros, ao contrário, dando prioridade às dimensões culturais.

Abrimos a revista com os artigos de Jonh Monteiro e de Johnni Langer em co-autoria com Sérgio Ferreira dos Santos. Os textos foram dedicados a pensar o índio na construção da historiografia e da memória nacional, enfocando essa personagem ao mesmo tempo esquecida e fundamental nas regiões de fronteira ou, se preferirmos, nas zonas de expansão da sociedade nacional.

No artigo *A memória das aldeias de São Paulo. Índios, paulistas e portugueses em Arouche e Machado de Oliveira*, Jonh Manuel Monteiro investiga a produção historiográfica de dois autores paulistas sobre as aldeias indígenas da região: José Joaquim Machado de Oliveira e José Arouche de Toledo Rendon. Explora como a formulação da história e da identidade paulista esteve ligada, nesses autores, à política indigenista da primeira metade do século XIX.

Johnni Langer e Sérgio Ferreira dos Santos são os autores do texto *Império selvagem: a arqueologia e as fronteiras simbólicas da nação brasileira (1850-1860)*. No artigo, é examinado o uso do indígena para a construção de um passado glorioso e como suporte para a idéia de nação imperial.

Dando prosseguimento à abordagem da questão indígena nos *Territórios, Espaços e Fronteiras*, seguem-se mais cinco artigos. Márcia Amantino, em *A conquista de uma fronteira: o sertão oeste de Minas gerais no século XVIII*, analisa como a busca por novas terras para a extração do ouro gerou a implantação de um projeto civilizacional no Oeste mineiro baseado no controle sobre as populações locais. Desse modo, prevaleceu o objetivo de “limpar os sertões” dos moradores considerados, então, indesejáveis, isto é, índios, quilombolas e vadios.

Em *Independência, vida e morte: os contatos dos Botocudos durante o Primeiro Reinado*, Marco Morel analisa as mudanças operadas na política indigenista direcionada aos grupos localizados no Espírito Santo e em Minas Gerais, no momento da independência e da construção do Estado nacional no Brasil. O autor confronta a incorporação “pacífica”, pregadas pelas autoridades, com as práticas efetivamente realizadas nas frentes de expansão.

Izabel Missagia de Mattos escreveu o artigo *A colonização “étnica” do Mucuri (1815-1873)*, dedicado à análise da variada composição étnica dos habitantes do vale do Mucuri, em Minas Gerais. Enfoca, também, o impacto do processo de conquista e colonização dessa sub-região sobre os agrupamentos de Giporok, Nakenuk, Aranã, dentre outros grupos indígenas pertencentes ao tronco Botocudo.

No artigo *Nem selvagens nem cidadãos: os índios de Nova Almeida e a usurpação de suas terras durante o século XIX*, Vânia Maria Losada Moreira aborda a condição social e jurídica controversa dos índios considerados “civilizados”, durante o século XIX. Demonstra o quanto tal imprecisão esteve relacionada com a estratégia de usurpação das terras indígenas, logo depois da promulgação da Lei de Terras de 1850.

Já Eduardo Quadros, no texto *As fronteiras da fé: religião e política no diário do padre Samuel Fritz (1689-1691)*, explora uma questão fundamental para a compreensão da conquista e colonização na bacia amazônica: o impacto das tensões entre as duas coroas ibéricas sobre a ação missionária naquela região. Analisa, desse modo, o trabalho do jesuíta Samuel Fritz junto aos índios e as relações entre política e religião no processo de conquista.

A organização física dos espaços e as representações sobre os territórios também estão presentes no dossiê. Desse modo, em *O espaço do arraial na Minas Gerais*, Sérgio da Mata estudou a morfologia do espaço dos arraiais mineiros dos séculos XVIII e XIX. Após a análise da historiografia, que trata do desenvolvimento urbano brasileiro, o autor destaca a íntima relação entre o catolicismo popular e a proto-urbanização em Minas Gerais.

Sabrina de Araújo Lima, no artigo *O espaço agrário em torno do Mosteiro de São Bento: as relações de posse e de uso da terra em Campos dos Goytacazes na segunda metade do século XIX*, analisa as relações que os pequenos produtores estabeleceram nas terras do Mosteiro de São Bento. Para traçar a estrutura fundiária das terras do Mosteiro, pesquisou os Livros de Escrituras e Notas, referentes ao século XIX.

No texto *As comunidades negras rurais e suas terras: disputa em torno de conceitos e números*, José Maurício Andion Arruti analisa a temática das comunidades remanescentes de quilombos. Explora, dentre outros aspectos relativos a esta questão, o uso da terra, as relações raciais e a construção da identidade ética.

No artigo *Território em imagens: o Novo Mundo sob o olhar dos cosmógrafos-mor*, Maria Eliza Linhares Borges analisa a linguagem cartográfica dos séculos XVI e XVII sobre o Novo Mundo. A autora enfatiza como, a partir dos mapas, difunde-se uma lógica de organização do espaço territorial, sob a égide dos interesses materiais e simbólicos das cortes européias.

Fechamos o dossiê com três artigos que exploram o tema da fronteira. Em *O destino não manifesto. A historiografia brasileira das fronteiras*, Maria Verônica Secreto recupera o debate clássico sobre o conceito de fronteira, analisando as posições de Turner, Smith, Ricardo e Marx. Destaca, além disso, como o mesmo conceito ganhou desenvolvimento autônomo no Brasil, graças às reflexões de Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Viana, Leo Waibel, dentre outros.

Carla Villamaina Centeno, em *As relações de trabalho na fronteira sul de Mato Grosso: a escravidão por dívida na exploração da erva-mate*, analisa as relações de trabalho nos ervais de Mato Grosso em fins do século XIX e princípios do século XX, abordando o fenômeno tradicionalmente descrito pela historiografia como servidão ou escravidão por dívida. Demonstra, entre outras coisas, que em seu universo de análise o sistema de dívidas foi adotado, não em razão da escassez de mão-de-obra ou porque as terras estavam disponíveis, mas devido à necessidade de trabalhadores especializados.

No artigo de Carlos Eugênio Libano e Flávio dos Santos Gomes, *Fronteiras e margens do Atlântico: personagens, experiências e culturas no Brasil escravista*, são relatadas e analisadas as transformações ocorridas nas matrizes culturais africanas em terras americanas. É especialmente destacado como a experiência do cativo e o embate político com os senhores foram fundamentais no processo de construção da identidade étnica dos africanos.

Este número da revista também conta com a colaboração de autores que abordaram temas diversos, mas igualmente originais. Alexandre Avelar, no texto

Retomando um debate: a política externa no primeiro governo Vargas e a construção de um projeto nacional, correlaciona a política econômica industrial de Vargas com uma política externa de caráter mais autônomo, que soube explorar as vantagens oriundas das disputas existentes no cenário internacional.

André Ricardo Pereira e Amarildo Mendes Lemos, no artigo *Cooptação ou coalizão de governo? O governo de Albuíno Azeredo no ES (1990/94)*, analisam a relação entre Executivo e Legislativo no Brasil, tomando como estudo de caso o Governo Albuíno.

Em *O capo e o coronel: alcance e limites de uma possível analogia entre “famiglia” mafiosa e família oligárquica*, Luiz Antônio M. de Souza realiza um estudo comparativo entre as obras *The mafia of Sicilian village*, de Anton Blok, e *Politics and parentela in Paraíba/Brazil*, de Linda Lewin.

Maria Beatriz Nader, no texto *A condição masculina na sociedade*, analisa a condição social masculina, com o objetivo de mostrar como o sentimento cultural de superioridade masculina desenvolve-se dentro da sociedade.

Em *Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final – astronomia e astrologia na Idade Média e a visão medieval do cosmo*, Ricardo da Costa estuda a concepção medieval de universo. Explora, ainda, as sensibilidades relacionadas às estrelas e sua conexão com os humores e elementos do corpo.

Tânia Zimmerman, no artigo *Modelos de civilização para o Brasil do Século XIX*, aborda certas imagens construídas por Johann Jacob Sturz e Heinrich sobre o Brasil e que ainda permanecem no imaginário europeu contemporâneo. Destaca, sobretudo, as idéias sobre progresso, futuro, raça e imigração.

Encerramos o presente número da Revista Dimensões com a resenha do livro *O movimento folclórico brasileiro (1947-1964) e o debate atual sobre o folclore*, de Luís Rodolfo Vilhena, realizada por Michel Dal’Col Costa e Estilaque Ferreira dos Santos.

Esperamos que o público leitor aprecie os artigos. Temos a convicção de que este número da Revista Dimensões cumpriu o papel de estimular a reflexão sobre a trajetória dos homens e das mulheres não apenas no tempo, como diria Bloch, mas também nos espaços, territórios e fronteiras.

